

## GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

### RIO DE JANEIRO



#### **Ocuparam os Cargos de presidentes desde 1837**

Augusto José Marcelino da Rocha Cabral, 1837/1842;  
Francisco João Moniz, 1842/1843; Adriano Ferreira,  
1843/1844; Alberto António de Morais Carvalho, 1844/1847;  
Adolfo Manuel Victorio da Costa e Azevedo, 1847/1854; João  
Henrique Ulrich, 1854/; José Pedro da Silva Camacho,  
1855/1860; José Peixoto de Faria Azevedo, 1860/1866; José  
Pereira Soares, 1866/1868; Manuel José Gonçalves Machado  
Junior, 1868/1870; José Marcelino da Costa e Sá, Visconde de  
São Cristóvão, 1870/; Boaventura Gonçalves Roque, Visconde  
de Rio Vez, 1871/1873; José Joaquim Ferreira Margarido,  
1873/1876; Ernesto Rego de Kruger Cybrão, 1877/1878;  
Eduardo Rodrigues Cardoso de Lemos, 1878/1884; **José  
Joaquim Godinho, Visconde de S.Thiago de Riba De Ul  
(Interino)**, 1882/1884; Joaquim da Costa Ramalho Ortigão  
(Interino), 1884/; **José Joaquim Godinho, Visconde de São  
Tiago de Riba De Ul (Interino)**, 1884/1885; Joaquim da  
Costa Ramalho Ortigão 1885/1888; Manuel José da Fonseca  
(Interino), 1888/1889; Venceslau de Sousa Guimarães,  
1889/1890; Manuel Matos de Sousa Souto (Interino),  
1890/1891; **José Júlio Pereira de Morais, Visconde de**

**Morais**, 1891/; Guilherme Klerk (Interino), 1891/1892; **António Homem de Loureiro Sequeira, Visconde de Carvalhais** (Interino), 1892/1894; Ernesto Rego de Kruger Cibrão, 1894/1899; António Gomes de Avellar, Conde de Avellar, 1899/1903; Álvaro Thedim Lobo (Interino), 1903/1904; José Vasco Ramalho Ortigão, 1904/1906; Albino Francisco Correia, Visconde de São João da Madeira, 1906/1919; Albino Sousa Cruz, 1919/1961; Alfredo Rebello Nunes (Interino), 1957/1959; Augusto Soares de Sousa Baptista (Interino), 1959/1960; Alfredo Rebello Nunes (Interino), 1960/1961; António Saldanha de Vasconcelos, 1961/1970; António Pedro Martins Rodrigues, 1970/1972; António Rodrigues Tavares, 1972/1986; António de Sousa Mota, 1986/1992; António Gomes da Costa, 1992/2004.

-----

A 14 de Maio de 1837, na residência do dr. Coelho Lousada, um emigrado político português, reuniram várias pessoas das diversas classes da emigração portuguesa e após uma exposição feita pelo dr. José Marcelino da Rocha Cabral, outro emigrado político e não menos ilustre jurisconsulto que o dr. Coelho Lousada, combinou-se fundar um Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro.

Estiveram presentes a essa reunião 43 sócios, subindo o número de accionistas a 189, que haviam subscrito com 403 acções.

Os maiores esforços para que essa reunião se efectuasse foram devidos a Francisco Eduardo Alves Viana, natural da Ilha da Madeira, negociante estabelecido à Rua do Ouvidor, e ao José Marcelino da Rocha Cabral.

Foi este ilustre e hábil advogado o fundador intelectual do Gabinete Português de Leitura. Tendo fugido de Portugal após a usurpação de D. Miguel, peregrinou por alheias terras e abordou afinal ao Rio de Janeiro em 1828, quando D. Pedro I era esperança dos Liberais Portugueses.

Já ali encontrou António Coelho Louzada, Alberto António de Moraes Carvalho, Caetano Alberto Soares e outros advogados que o haviam precedido na emigração.

Acidentada foi a vida do dr. Rocha Cabral na Brasil, tendo por ultimo de ir para Diamantina, em Minas, onde advogou até 1849.

Antes, porém, de se retirar do Rio de Janeiro, prestara mais um assinalado serviço à colónia portuguesa desta cidade, lançando, na sessão da assembleia geral do Gabinete, em Janeiro de 1840, as bases da Sociedade Portuguesa de Beneficência.

É, portanto, ao dr. Rocha Cabral que se deve mais essa gloriosa instituição da colónia portuguesa.

Apesar de todas as contrariedades da época, o Gabinete instituiu-se e teve a sua primeira casa à Rua de São Pedro, 83, próximo à Igreja daquela invocação.

Em 1842 passou para a rua da Quitanda, 55, e em 1850, tendo a biblioteca já perto de 33.000 volumes, foi forçado a mudar-se para a rua dos Benedictinos, 12.

De entre os sócios que ocupara, cargos na administração, nos primeiros períodos, citam-se alguns a quem o Gabinete deve importantíssimos serviços.

Foram eles: António José Mendes Campos, António Ferreira Brandão, Manuel Luís da Silva Serra, António Sarmiento Pereira Brandão, António José Alves Coelho, Constantino Joaquim d'Azevedo Lemos, Francisco Xavier Alvares, António José Ferreira, Hermenegildo António Pinto e Joaquim Augusto da Cunha Porto.

Em 1860, travou-se luta entre os velhos sustentadores do Gabinete e a geração nova, imbuída de novas ideias e que desejava a reforma das colecções da biblioteca.

Essa luta foi porfiada e nem sempre correu com a elevação e ponderação que eram para desejar.

Triunfou a geração moderna e foi a António Xavier Rodrigues Pinto que se deveu a ideia de constituir um fundo especial destinado à construção de edifício próprio.

Foi também num recinto do Gabinete Português de Leitura que se realizou a reunião da qual saiu a fundação da Caixa de Socorros D. Pedro V, a mais grandiosa criação da filantropia portuguesa na América.

Em 10 de Junho de 1880, dia da comemoração do tricentenário da morte do grande épico, na antiga rua da Lampadosa, hoje Luís de Camões, era lançada a pedra fundamental do Belo edifício do Gabinete Português de Leitura.

Ao acto assistiram o Imperador, ministros, homens notáveis nas letras, ciências e artes, a câmara Municipal, que se fazia acompanhar do seu estandarte, associações brasileiras e portuguesas representadas pelas suas Directorias e numerosa multidão.

Da Directoria do Gabinete fazia parte Eduardo de Lemos, a quem o Gabinete deve inoxidáveis serviços, desde que ele começou a servir como secretário, ocupando outros cargos até ao de presidente.

Entusiasta apaixonada e fervoroso pelo desenvolvimento daquela instituição, incansável trabalhador, pode dizer-se que o gabinete Português da Leitura é em grande parte obra sua.

Não chegou a ver realizado o seu sonho, porque a morte o surpreendeu em Viana do Castelo, sua terra natal, onde fora descansar, a 14 de Outubro de 1884.

No dia 10 de Setembro de 1887, quando completava 50 anos de fundação, foi inaugurado o edifício próprio, com a maior solenidade, tendo ao acto comparecido a Princesa Regente, o corpo diplomático e consular, representantes de instituições científicas e literárias, de corporações civis e militares e de associações de benemerência.

O escritor Ramalho Ortigão, que nessa ocasião estava no Rio de Janeiro, leu um notável discurso, em que salientava os relevantes serviços prestados pelos portugueses em terras de Santa Cruz, seguindo-se-lhe o grande orador brasileiro dr. Joaquim Nabuco.

O edifício do gabinete Português de Leitura, de pedra Lioz, toda ida de Lisboa, é inspirado no Mosteiro dos Jerónimos. Nas misulas que decoram a fachada vêem-se estátuas de Pedro Alvares Cabral, Infante D. Henrique, Vasco da Gama e Luís de Camões, oferecendo o conjunto arquitectónico um verdadeiro tom poético e solene.

O Interior é deveras majestoso. À direita e à esquerda do vestíbulo salas de leitura, no pavimento térreo, e no 2.º pavimento, a toda a largura da frente, o Salão Nobre ricamente ornamentado, com tecto formosíssima, e tendo na cimalha, ao redor, 36 escudos das cidades portuguesas. Do tecto pendem dois artísticos lustres de bronze.

Mais faustoso, porém, do que o Salão Nobre, mais rico do que o seu mobiliário, mais pomposo do que o próprio edifício, é o Salão da Biblioteca.

Desde o pavimento térreo ladrilho a mosaico, até à clarabóia de vidros policromados, a vertical mede 23,5 metros.

A cinco metros do solo, corre em volta a primeira galeria, e a cinco metros desta uma segunda; circulando o pavimento térreo e as duas galerias, as paredes são completamente revestidas de estantes de livros.

As ogivas, a elegância das colunas, o avarandado da galerias, as portas, as frestas, os capitéis góticos, toas as peças e labores, enfim, uns cor de bronze, outros finamente dourados, tudo obedece ao estilo manuelino, que é a nota dominante, desde a arquitectura do monumento até à escultura das suas decorações.

As galerias que formam as estantes dos livros têm 40 medalhões em fundo de esmeralda, contendo em letras douradas nomes ilustres de portugueses e brasileiros.

Nos ângulos superiores, magistras desenhos e soberbos coloridos originais dão realce aos grandes vultos de Vasco da Gama, Cabral e Camões, havendo sob cada um as datas 1497, 1500 e 1880, e troféus alegóricos de um relevo naturalíssimo; no quarto ângulo há igualmente pintado uma formosa cabeça de Minerva, em emblema do gabinete, com data de 1837, e também um troféu alusivo à literatura e à ciência.

É grandioso este Salão da Biblioteca, nada havendo mais sugestivo de patriotismo português. Cada Golpe de cinzel, cada ornamento, cada sopro da Arte é uma nota das gloriosas que aureolam a bandeira de Portugal. É nesta sala, numa enorme vitrine, que se encontra o *Altar da Pátria*.

À entrada do Salão, duas vitrines guardam preciosidades bibliográficas raríssimas, tais como: a 1.º edição dos *Lusíadas*, de 1527 – a 2.ª edição das *Décadas da Índia*, de João de Barros, – vida de Nun'Alvares – O celebre manuscrito copia da conquista espiritual de Montoya em Guarany, exemplar precioso e bem conservado – «Verdadeira informação das terras de Prestes Joam» pelo padre Francisco Álvares, 1540, livro raríssimo e muito bem conservado – Vários manuscritos, alguns de estimação como: a *Clarix profetarum*, de Vieira, – *Dicionário da Língua Tupy*, original de Gonçalves Dias, outros preciosidades bibliográficas, além de muitas publicações ilustradas, luxuosamente encadernadas, conservadas em armários especiais, e uma *Camoneana* com mais de mil volumes.

A Biblioteca do Gabinete Português de Leitura conta hoje (em 1927) para cima de 80.000 volumes.

Ali se têm realizado exposições, como as de Malhoa, Carlos Reis e Roque Gameiro, ali se têm realizado conferências notáveis e o Gabinete tem sido visitado pelas personagens mais eminentes, tanto portuguesas, como estrangeiras, de passagem no Rio de Janeiro.

Foi numa das dependências do Gabinete Português de leitura que se instalou a redacção de « A história da Colonização Portuguesa no Brasil», essa obra colossal de que foi director Carlos Malheiro Dias, mas que nunca se chegaria a levar a efeito se não fosse o valiosíssimo concurso do Grande Português que Albino de Sousa Cruz.

P. M, 1927 (adap)